

**As Vozes Subalternas em *O Deus Das Pequenas Coisas*, de Arundhati Roy**  
**The Subaltern Voices in *The God of Small Things*, by Arundhati Roy**

Eleide Moreira Araujo Belém<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo apresentar uma breve discussão teórica sobre identidades culturais na pós-modernidade. Essa discussão será realizada por meio da análise do romance *O deus das pequenas coisas*, da escritora indiana Arundhati Roy (1998) e está fundamentada nos seguintes textos teóricos: *Pode o subalterno falar?* de Gayatri Chacravorty Spivak, (2010), *A Questão da Identidade Cultural na Pós-modernidade*, de Stuart Hall (2003) e *O Local da Cultura* (1998), de Homi Bhabha. A intenção é analisar, por meio do romance *O deus das pequenas coisas*, as representações das personagens femininas, em especial da personagem Ammu, e dos dálits, considerados os sujeitos subalternos pela hierarquia social do sistema de castas da Índia. Nesse contexto, esta discussão pretende mostrar como as personagens femininas e os dálits estão representados no romance e como a autora desconstrói a identidade cultural desses sujeitos como possibilidade de revelar suas vozes silenciadas no processo de construção da identidade nacional indiana. Essa estratégia de desconstrução da identidade cultural nos permite refletir acerca do caráter discriminatório das questões de gênero e raça numa cultura nacional.

**Palavras chaves:** Subalterno, identidade cultural, representação, sistema de castas da Índia.

**Abstract:** This essay aims at presenting a brief theoretical discussion about cultural identities in the Post Modernity. Such discussion will be achieved through the analysis of the novel *The God of Small Things*, by the Indian writer Arundhati Roy (1998) and it is based on the following theoretical texts: *Can the Subaltern Speak?*, by Gayatri Chacravorty Spivak, (2010), *The Question of Cultural Identity*, by Stuart Hall (2003) and *The Location of Culture* (1998), by Homi Bhabha. The goal is to analyze, in the novel *The God of Small Things*, the representations of the female characters, especially Ammu and the Dalits, considered as subaltern subjects by the social hierarchy of the caste system in India. In this context, this discussion intends to demonstrate how the female characters and the Dalits are depicted in the novel and how the author deconstructs the cultural identity of those subjects as a possibility of unveiling their silenced voiced in the process of constructions of the Indian national identity. This strategy of deconstruction of the cultural identity allows us to think about the discriminatory traits regarding gender and race in a national culture.

**Key-works:** Subaltern, Cultural Identity; Representation; Indian Caste System.

**Submetido em 12 de fevereiro de 2016.**

**Aprovado em 15 de março de 2016.**

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Porto Nacional.

## Introdução

Tendo em vista que a questão da identidade cultural está sendo amplamente discutida nos estudos pós-coloniais, é pertinente a discussão sobre como se dá o processo de formação de uma cultura nacional. Isso porque, segundo Stuart Hall (2003), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, causando, assim, a chamada "crise de identidade” (2003, p. 7).

Segundo Hall a identidade cultural moderna é formada através de um conjunto de significados que dão aos sujeitos um sentimento de pertencer a uma cultura nacional, não importando quão diferentes estes sejam em termos de classe, gênero ou raça. A nação procura unificá-los em torno de uma identidade cultural (2003, p. 45).

No entanto, as culturas nacionais não podem ser concebidas como uma comunidade cultural homogênea, pois não existem nações que sejam compostas de um único povo, uma única cultura ou etnicidade. As nações modernas são compostas por diferentes culturas em constante modificação, portanto são todas híbridas culturais. O que a cultura nacional faz é construir um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade com a qual seus membros possam se identificar. (HALL, 2003, p.47).

A exemplo desse hibridismo cultural está a Índia, um país que se distingue pela pluralidade de culturas e línguas e também pela particularidade do sistema de castas, que contribui para estratificar ainda mais seu complexo sistema cultural. Fundamentado na fé hindu, seguida por oitenta por cento da população indiana, este sistema teve sua origem no *Book of Manu*, livro sagrado da religião hinduísta surgido por volta de 1.500 a.C.<sup>2</sup>

O sistema de castas da Índia é uma organização social hereditária que estratifica a sociedade em níveis hierárquicos. A primeira seria a dos Brâmanes (sacerdotes e letrados); a segunda, a dos Xátrias (guerreiros); a terceira, a dos Vaishyas (comerciantes) e a quarta, a dos Sudras (serventes). À margem dessa estrutura, estão os

---

<sup>2</sup> Book of Manu: O livro de Manu ou Lei de Manu, escrito em sânscrito, é tido como um dos livros mais antigo e sagrado do hinduísmo que se divide em religião, moral e leis civis. Os hindus consideram que Manu é filho do deus Brahma enviado para legislar os preceitos da convivência social, através dos quais o sistema de castas foi efetivado como algo divino.

considerados “sem casta”, também chamados de dálits ou intocáveis, aqueles que pertencem a posição mais baixa dentro da sociedade. (FESTINO, 2007, p.22).

Muitas são as teorias que tentam explicar a origem das castas. De acordo com C. V. Vaidya, citado por Constâncio Mascarenhas (1924), a origem provável dessas quatro castas iniciais teria sido a invasão da Índia pelos arianos (europeus), em tempos muito remotos. Eles teriam estabelecido o regime de castas baseado na restrição de cruzamento dos arianos com os aborígenes de cor escura que habitavam a Índia e no regime de divisão do trabalho. Somente mais tarde é que foi atribuída uma origem divina às castas, o que levou o povo a acreditar que estas teriam sido originadas do corpo de um deus Brahma a quem o povo não podia desobedecer nem contestar.

No decorrer do tempo essas castas se multiplicaram, atualmente existem milhares de subcastas na Índia, e mesmo a Constituição Indiana de 1950 tendo proibido a restrição do contato social entre os membros de castas diferentes, elas ainda continuam fazendo parte da realidade cultural dos indianos como elemento de discriminação social.

Nesse contexto esta reflexão pretende mostrar como as personagens femininas e os dálits estão representados no romance *O deus das pequenas coisas* (1998) e como a autora desconstrói a identidade cultural desses sujeitos como possibilidade de revelar suas vozes silenciadas no processo de construção da identidade nacional indiana. Essa estratégia de desconstrução da identidade cultural nos permite refletir acerca do caráter discriminatório das questões de gênero e raça existentes numa cultura nacional.

### **1. *O deus das pequenas coisas***

O romance *O deus das pequenas coisas* conta a saga de uma família de cristãos sírios<sup>3</sup> indianos, do estado de Kerala, sul da Índia, que vive em meio aos conflitos decorrentes do sistema de castas, do patriarcado e da colonização inglesa. A estória se desenvolve na cidade de Ayemenem, no ano de 1969, após a Independência da Índia da Grã-Bretanha, que ocorreu no ano de 1947. O enredo gira em torno dos acontecimentos trágicos que separaram dois irmãos gêmeos, Estha e Rahel e desestruturou toda sua família.

---

<sup>3</sup> Os sírios-cristãos são uma minoria religiosa do sul da Índia. Segundo a tradição, esses cristãos foram convertidos por São Tomé, em 52 d.C. em Kerala, no sul da Índia. Contudo a primeira igreja cristã só foi reconhecida após a chegada dos portugueses à Índia no final do século XV. Como escreveu Festino, “esses cristãos pertencem à comunidade cristã mais antiga do mundo, depois da Palestina, mas adotaram a divisão em castas, após ganharem novos adeptos para sua causa. ( 2007, p. 229).

Os gêmeos, na infância, viviam de favor com a mãe Ammu na casa dos avós maternos Mammachi (avó) e Pappachi (avô), depois que ela se divorciou do marido hindu que a maltratava. Ammu e os filhos eram muito humilhados na casa dos avós, pois “uma filha casada não tinha mais lugar na casa dos pais. Quanto a uma filha divorciada, essa não tinha lugar em parte alguma” (ROY, 1998, p.37). Os avós eram donos de uma fábrica de Picles e Polpa, mas a filha não deu andamento aos estudos, não pode frequentar uma universidade, pois o pai achava que a educação era desnecessária para uma moça. Viviam também na casa: a tia-avó Baby Kochamma que, em respeito às regras que a tradição lhe impunha, amarga a frustração do seu amor não consumado por um padre e o tio dos gêmeos, Chacko, pai de Sophie Mol, que era divorciado de uma inglesa. No entanto, por ser homem, Chacko não sofria discriminação por ser divorciado. Os gêmeos foram separados ainda na infância, quando tinham sete anos.

O reencontro dos dois acontece vinte e três anos depois, na casa da avó, quando Rahel, já adulta, retorna da Inglaterra para Ayemenem para visitar o irmão Estha, que, assim como ela, carregava a culpa pela morte da mãe e do amigo Velutha. Nesse retorno, os dois rememoram os fatos que marcaram sua infância, fatos estes que estão profundamente entrelaçados à história da nação e que resultaram numa crise de identidade cultural e nacional.

A narrativa não obedece a uma ordem cronológica, as memórias do passado são narradas de forma alternada entre o presente e o passado das personagens, através dos pensamentos e das recordações de Rahel, que agora adulta retorna à Índia vinte e três anos depois de ter sido separada de seu irmão, em busca de sua identidade, em busca de seu passado. É por meio da busca da personagem Rhael que conhecemos a situação de opressão e marginalização a que estão submetidos as mulheres e os dálits na sociedade indiana. E não apenas isso, para a professora e pesquisadora Cielo Festino, o romance *O deus das pequenas coisas* discute a marginalização criada pelo sistema de castas de uma maneira crua e direta, através de uma ficionalização que os apresenta como agentes de mudança e não simples vítimas” (2007, p. 224).

*O deus das pequenas coisas* é o nome que a narradora utiliza para se referir ao personagem Velutha, um dálit empregado da família dos gêmeos com quem sua mãe teve um caso amoroso, e por quem eles tinham grande amizade. A narradora o apresenta como um hábil carpinteiro que possuía uma excepcional habilidade para lidar com as máquinas da Fábrica de Picles, de propriedade dos avós dos gêmeos. Velutha sabia mais

sobre as máquinas da fábrica do que qualquer outra pessoa e se não fosse pela inferioridade da sua casta poderia ter sido um engenheiro. Além disso, ele era um ativista político, membro do Partido Comunista.

No entanto, por ser um intocável, era excluído da sociedade, sem direito algum. Dentre outras proibições, aos intocáveis não era permitido tocar em nada que os tocáveis tocavam para que estes não ficassem impuros. Note-se que a narradora apresenta Velutha como uma personagem que resiste a construir-se conforme a identidade subalterna que lhe fora atribuída segundo sua casta, e por isso ele busca vencer os impedimentos de sua condição histórica para melhorar sua situação de marginalizado.

Ammu, também é outra personagem que, assim como Velutha, resiste em assumir a identidade subalterna que lhe fora atribuída. Para fugir dos maus tratos do pai e que este lhe arranjasse um marido, ela mesma escolhe o marido, um hindu. Mas, pelo fato de ela ser síria-cristã, sua família não aprova o casamento. A escolha de Ammu não deu certo, o homem com quem ela se casa se revela um alcoólatra e passa a espancá-la frequentemente. Mesmo sabendo que sofreria a discriminação da família e da sociedade, por ser uma mulher divorciada, ela não se conforma com a situação, se divorcia e retorna para a casa dos pais com os dois filhos pequenos. Estes também são discriminados pelo fato de serem considerados híbridos, uma vez que são filhos de uma cristã-síria e um hindu.

Embora Ammu não fosse hindu, sua família mantinha a mesma estrutura dos hindus de casta alta e, portanto, ela não poderia se envolver com uma pessoa da casta dos intocáveis. No entanto, em vez de se conformar com “as leis do amor que ditava quem devia amar. E como. E quanto” ela viola-as mantendo um caso amoroso com o intocável Velutha (ROY, 1998, p. 43).

A descoberta do romance dos dois acontece no mesmo dia em que a prima dos gêmeos, Sophie Mol, que havia chegado da Inglaterra para passar uns dias na Índia, morre afogada no rio Meenachal, enquanto brincava com os primos. Velutha é acusado injustamente pela morte da menina e morre espancado pela polícia. A partir desse episódio, Ammu é expulsa de casa, perde os filhos e termina seus dias numa hospedaria, onde morre aos 31 anos de idade e é enterrada como indigente. “Enquanto outras crianças da idade deles aprendiam outras coisas, Estha e Rahel aprendiam como a

História negocia os seus termos e cobra o que lhe é devido daqueles que desrespeitam suas leis” (ROY, 1998, p. 44).

O romance retrata, ainda, a opressão vivenciada por outras personagens femininas como forma de marcar a opressão em razão do gênero. A matriarca da família, Mammachi, é uma mulher que traz em seu corpo as cicatrizes da violência do marido, um entomologista imperial que era muito gentil com as pessoas na rua, mas em casa espancava constantemente a mulher; e Baby Kochama, a tia-avó dos gêmeos que amarga a frustração do seu amor não consumado por um padre católico, porque respeitou as regras de sua casta e não viveu seu amor, e por isso torna-se uma pessoa amarga. Essas personagens são exemplificadas como aquelas que respeitam as leis que lhes são impostas e não as transgridem.

O romance *O deus das pequenas coisas* faz parte da tradição indiana de língua inglesa no qual estão presentes traços das duas culturas, a indiana e a inglesa. A obra retrata a realidade cultural do ponto de vista daqueles que vivem à margem de uma sociedade marcada pela opressão do sistema de castas e pela colonização, uma vez que a Índia foi colônia da Grã-Bretanha durante dois séculos.

Deste modo, as narrativas dessa tradição vão justamente tratar do confronto entre as duas culturas, a indiana e a inglesa, uma vez que o tempo ficcional do romance é o ano 1962, depois da colonização. Nesse contexto da produção colonial, segundo Spivak, o sujeito subalterno não tem história, e não pode falar, e o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. (2010, p. 67).

Segundo Bonnici (2009), o colonialismo foi uma forma de dominação e exploração que teve como consequência a divisão das sociedades colonizadas pela lógica binária entre o Outro colonizador e o outro colonizado, na representação dos indivíduos durante o período colonial. Nessa divisão, o sujeito colonizado forma a sua identidade como dependente ou outro, objeto da hegemonia das classes dominantes. Já o sujeito colonizador, o sujeito da história, afirma a supremacia da sua cultura sobre o colonizado, criando, assim, uma hierarquia que transforma o colonizado numa pessoa subalterna, sem poder de voz ou representação.

O colonialismo britânico na Índia como em toda parte do mundo não foi diferente. A experiência colonial contribuiu para impor uma identidade subalterna aos indianos em relação aos ingleses. A Índia enquanto unidade política nacional constituiu-se em meio a sua diversidade linguística, cultural e religiosa. Uma nação onde sempre

coexistiram grandes religiões: hinduísmo, islamismo, cristianismo, budismo sikhismo e janaísmo, cada uma com sua cultura, costumes e tradições.

Historicamente, a convivência entre essas diversas comunidades religiosas não é e nunca foi pacífica, o que dificultava a formação de uma identidade nacional. Mesmo assim a nação conquistou sua identidade política sob o ideal de uma nação plural e tolerante que respeitasse as diversas culturas do povo indiano. Porém, conforme explica Festino, a Índia “ainda luta contra os conflitos que tem obstaculizado a sua unidade nacional, como é o caso do sistema de castas que divide a nação contra si mesma” (2007, p. 22).

Nesse sentido, o romance *O deus das pequenas coisas* desconstrói padrões estereotipados da representação da imagem feminina e dos intocáveis dentro da cultura indiana como forma de denunciar a política excludente e discriminatória do sistema de castas, bem como para apontá-lo como a causa de uma possível crise de identidade indiana. E o faz trazendo um intocável como personagem principal do romance e também uma família de sírios cristãos, que são uma minoria religiosa no sul da Índia, como forma de mostrar que “os oprimidos se tiverem oportunidade podem falar e conhecer suas condições” (SPIVAK, 2010, p. 54). Por isso, a importância de dar voz ao subalterno e não simplesmente falar no lugar dele.

De acordo com Spivak, esse seria o papel dos intelectuais do pós-colonialismo, “trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido”. Também ressalta que essa responsabilidade recai principalmente sobre as mulheres intelectuais, a essas cabe a tarefa de “criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual.” (2010, p. 14).

Nesse mesmo sentido, Homi Bhabha diz que “a nação torna-se um espaço liminar de significação, que é marcado internamente pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural.” (1998, p. 210). Isso nos permite pensar que a identidade cultural de uma nação se constitui de muitas narrativas, não só de uma, mas o que ocorre é que muitas dessas narrativas são silenciadas no processo de construção da identidade nacional.

Tomando como base o texto de Spivak, essas narrativas referem-se às vozes subalternas que foram caladas no processo de formação da identidade da nação, aquelas consideradas como o “Outro” no discurso nacionalista. Para Spivak, esses subalternos representam justamente “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. (2010, p. 12).

Voltando aos personagens Ammu e o intocável Velutha observa-se que a narradora desconstrói a identidade subalterna imposta a eles para demonstrar como são caracterizados dentro do sistema de castas e como reagem. Ammu e Velutha são as personagens mais discriminadas, porém são também as que mais desafiam a ordem social e lutam para sair da condição de marginalizados. Segundo Festino (2005), esses personagens representariam os deuses das pequenas coisas desafiando os “Grandes Deuses”, representantes da história oficial, nesse caso, o Sistema de Castas.

Nesse sentido *O deus das pequenas coisas* denuncia o caráter excludente do sistema de castas, como constituinte da identidade nacional indiana mostrando sua influencia na representação da identidade cultural da mulher e dos dálits na sociedade indiana. Essa identidade que os mantém numa posição de subordinação e marginalização é desconstruída no romance como forma de contestar a possibilidade de uma identidade estável, o que nos possibilita ver a identidade nacional como uma forma de poder cultural resultante da “costura” das diferenças culturais numa única identidade nacional. (ROY, 2003, p. 40).

Com esse objetivo, a identidade cultural desses personagens e desconstruída no cânone literário para que suas histórias silenciadas sejam ouvidas e incorporadas na narrativa da nação. Cumpre a narradora a tarefa de intelectual, conforme arguido por Spivak, qual seja: o de reescrever a história da sua nação de origem mostrando o que foi ocultado pela história oficial. Nas palavras da Narradora do romance:

(...) o país de onde vinha Rahel, vários tipos de desespero disputam a primazia. E que o desespero pessoal nunca tinha fim. Que algo acontecia quando o torvelinho pessoal se detinha no altar de beira de estrada vasto, violento, envolvente, mobilizador, ridículo, maluco, impossível, torvelinho público que era a sua nação. Esse Grande Deus rugia como um vento quente, e exigia obediência. Então o Pequeno Deus (íntimo e contido, particular e limitado) se afastava, cauterizado, rindo entorpecido de sua própria temeridade. Habitado à confirmação de sua própria insignificância, ele se tornava flexível e realmente indiferente. Nada importava muito. Porque Coisas Piores tinham acontecido. No país de onde ela

vinha, e que estava eternamente entre o terror da guerra e o horror da paz, Coisas Piores estavam sempre acontecendo. (ROY, 1998, p. 19).

Nesse contexto, pode se entender esses “pequenos deuses” como aqueles que não têm voz social, cuja participação é nula ou, quando existe, é muito reduzida, por isso não são ouvidos. Conforme explica Spivak, não significa que eles não podem falar o que ocorre é que não há uma relação dialógica na fala desses subalternos uma vez que o ato de fala requer a existência de um falante e de um ouvinte.

Assim, mesmo que o subalterno fale, ele não é ouvido. É o que ocorre com o personagem Velutha, sua identidade de dálit não lhe permite ter voz na sociedade indiana. No entanto a narradora desconstrói essa identidade subalterna ao trazê-lo como personagem principal do romance como forma de romper com o padrão estereotipado que se criou na cultura indiana sobre os dálits, qual seja, de que esses se quer existem dentro da ordem social, tendo assim de se manterem à margem da sociedade.

Por isso, Velutha recebe o nome que titula o romance *O deus das pequenas coisas*, no sentido de que a representação da história da nação indiana seja recontada a partir das margens, da perspectiva de um intocável, como forma de demonstrar que, num contexto de opressão em que viviam, as pequenas coisas eram as que realmente importavam, uma vez que as grandes coisas, essas jaziam lá dentro sempre por dizer. Nas palavras da narradora: eles instintivamente se prenderam às Pequenas Coisas. As Grandes Coisas jaziam para sempre do lado de dentro. Sabiam que não tinham para onde ir. Não tinham nada. Nenhum futuro. Então, prenderam-se às pequenas coisas.

No caso de Ammu, ela é triplamente silenciada, impedida de se representar, uma vez que o fato de ter nascido mulher numa sociedade patriarcal como a indiana já tem sua identidade construída sob o signo da subordinação, como pode se notar numa seção do Código de Manu, que deu origem ao Sistema de Castas: “Uma mulher está sob a guarda de seu pai, durante a infância, sob a guarda de seu marido durante a juventude, sob guarda de seus filhos em sua velhice; ela não deve jamais se conduzir à sua vontade.”

Mais tarde, quando ela não aceita ser oferecida em casamento pelo seu pai a um desconhecido, ela mesma decide escolher seu marido. Depois, decide terminar seu casamento e volta para a casa dos pais com seus filhos gêmeos, mesmo sabendo que não seria bem recebida no seio de sua família. E, por fim, quando decide viver um amor proibido por um intocável, o que acaba causando até mesmo a morte de ambos. No

entanto, essa posição de subordinação reservada às mulheres é frequentemente desafiada pela personagem Ammu que se recusa a viver a identidade herdada do sistema de castas. Cada vez que ela é oprimida pelo sistema, ela o transgride.

Todas essas transgressões a deixam no limiar da mudez, da sua condição de subalternidade. Por outro lado, seu enfrentamento demonstra, também, seu desejo de ser ouvida, desejo este que enfrenta até a forma mais brutal de subalternidade, a morte.

### **Considerações Finais**

*O deus das pequenas coisas* traz as falas e os silenciamentos dos sujeitos subalternos numa sociedade dividida em castas, e como estes desejam ser ouvidos. Não apenas isso, mas como esses sujeitos transgridem a posição que lhes fora imposta dentro da cultura nacional. As considerações da teórica Gayatri Chacravorty Spivak foram muito relevantes para pensarmos como determinados segmentos da sociedade são silenciados e representados dentro de um sistema de representação cultural.

Por meio das considerações do teórico Stuart Hall foi possível refletir sobre como as identidades são construídas pela cultura nacional, pois como observa o autor, as identidades nacionais não estão impregnadas em nossos genes, elas são formadas e transformadas através de um sistema de representação cultural. Assim, a identidade nacional seria uma forma de poder cultural resultante da “costura” das diferenças culturais numa única identidade nacional. (2003, p. 40).

Por isso, como aponta Hall (2003, p. 120), a ideia de uma identidade fixa, completa e unificada está se tornando cada vez mais complexa “à medida que os sistemas de significados e de representação cultural multiplicam-se confrontando-nos com uma multiplicidade difusa, confusa e fluidas de identidades possíveis, podendo nos identificar com cada uma delas, ao menos temporariamente”.

Portanto, investigar, por meio da análise do romance *O deus das pequenas coisas*, a tradição do sistema de castas enquanto identidade cultural da Índia é uma possibilidade de se conhecer “aquelas manobras ideológicas através das quais “comunidades imaginadas” recebem identidades essencialistas”, como diz Bhabha. (1998, p. 211).

Nesse entendimento, essa breve análise do romance *O deus das pequenas coisas*, breve porque foi feito um recorte da obra devido sua extensão, possibilita que se pense a cultura sob a perspectiva do hibridismo cultural uma vez que, como pode ser

observado no corpus literário estudado, uma cultura nacional anula as diferenças culturais existentes em seu interior, por isso a necessidade de se pensar estratégias que possam “costurar” essas diferenças de modo que a identidade nacional considere também as minorias culturais.

## **Referências**

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BONNICI, T. **Teoria e Crítica Pós-colonialistas**. Maringá: Eduem, 2009.

COSTA, N. L. S.; RIBEIRO, G. H.; BRASIL, D. R. Código Manu: Principais Aspectos. **Athenas**. Vol. 02, Ano III. São Paulo: 2014. Disponível em [http://www.fdcl.com.br/revista/site/download/fdcl\\_athenas\\_ano3\\_vol2\\_2014\\_artigo6.pdf](http://www.fdcl.com.br/revista/site/download/fdcl_athenas_ano3_vol2_2014_artigo6.pdf)

FESTINO, C. **Uma praja ainda imaginada: a representação da nação em três romances indianos de língua inglesa**. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2007.

HALL, S. (2003) **A Questão da identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Andréa Borghi Moreira Jacinto, Simone M. Frangella. Rio de Janeiro: 2003

ROY, A. **O Deus das Pequenas Coisas**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Feitosa; André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.